

Eneida Maria de Souza



A T R A I Ç Ã O

O centenário de Jean-Paul Sartre motiva a releitura de sua obra autobiográfica, *As palavras*, o que resulta na comprovação de sua importância para a formação do pensamento de esquerda no mundo.

Recusar o prêmio Nobel de Literatura, após a publicação em 1964 de *As palavras*, foi a resposta de Sartre ao risco de se deixar converter em instituição, em “estátua de si mesmo” ou de se tornar “patrimônio nacional”. A construção da imagem que nega o culto da personalidade, do escritor que se exprime mais por infidelidade a si próprio do que por obediência a padrões estabelecidos, justifica o desprezo por um dos maiores ritos de consagração do escritor. Motivado pela energia

AUTOBIOGRÁFICA

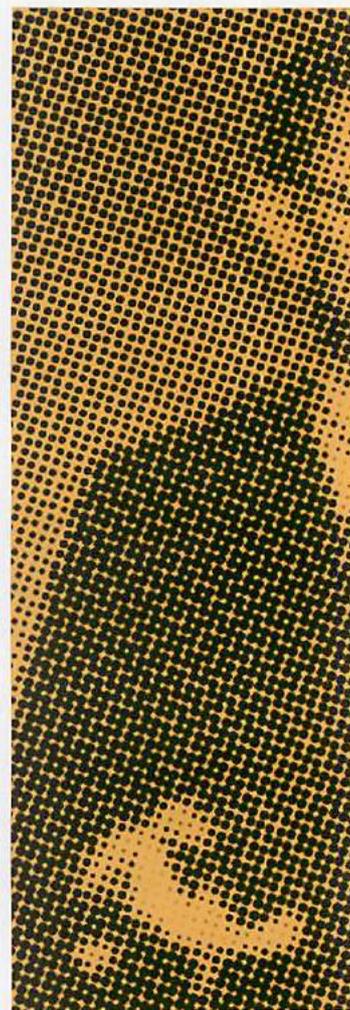
criativa, pelo dispêndio como força necessária à crítica da sociedade burguesa da qual é um de seus atores, Sartre rejeita a posse do dinheiro como reserva e acúmulo, preferindo considerá-lo como dom, como moeda gasta sem escrúpulo, fogo que se queima no ato da doação. O ganho simbólico se reverte na eterna rebeldia e na intransigência diante do poder conservador, ingredientes exigidos para a prática da liberdade como princípio norteador do sujeito.

No empenho de viver para a literatura e de se alimentar da alegria que a escrita lhe proporciona, Sartre gasta a vida escrevendo, com a ajuda de psicotrópicos que irão causar, mais tarde, danos à saúde. A vitalidade se mescla à entrega desmesurada à causa do outro, à certeza de que a infatigável fome de palavras – que remonta aos seus primeiros anos –, lhe traria condições de melhor pensar o mundo. Segundo Bernard-Henri Lévy, essa entrega às drogas é o que justifica o excesso e a abundância vitais como forma de se ter uma visão menos econômica da existência:

“Mas o que ele diz desde já, o que sempre disse e repetirá até o fim, é que a escrita é uma droga. Uma verdadeira droga. Uma auto-intoxicação permanente do escritor por si próprio e da literatura pelos seus próprios encantos e toxinas”. (*O século de Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 246)

Comemorar o centenário de nascimento do escritor não estaria também contrariando seu projeto de intelectual, em desacordo com as honrarias e salamaleques da classe burguesa? Não seria um gesto de mumificação de sua imagem? Acredito que não. Pela presença maciça de 50.000 pessoas ao seu funeral, em 19 de abril de 1980, confirma-se a importância e a popularidade do pensador Sartre para o mundo, para os estrangeiros residentes em Paris, principalmente vindos de países periféricos. Muito se comentou, à época, sobre a sua morte, como sendo a morte do último filósofo, do último intelectual francês. As homenagens em torno do centenário têm ainda a função de consagrá-lo ainda mais, embora não se deva perder de vista a contraditória imagem que ele mesmo ajudou a construir.

Embora cioso dessa imagem, ao romper com o sentimento narcisista comum à maioria dos autores, Sartre transforma sua vida em obra autobiográfica, ao escolher o ofício de escritor como razão da existência. Sua autobiografia escrita, *As palavras*, (Sartre, Jean-Paul. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.) demonstra, sob o olhar do autor já adulto, a obsessão do menino prodígio pelo universo ficcional da literatura, a paixão pelas palavras, lidas como simulacros da realidade. Considerada obra-prima pela crítica, pelo vigor do estilo e pela desconstrução da narrativa tradicional autobiográfica, o livro se notabiliza pela ausência do relato sensacionalista sobre as possíveis façanhas de Sartre na idade adulta, encenadas nos lugares hoje mitológicos e antes frequentados pelo bando de jovens existencialistas. Reduziu o texto ao destino familiar e pessoal que o fez tornar-se escritor. Sem idealizar a infância ou a se furtar a desconstruir o ambiente burguês no qual se criou, o narrador de *As palavras* se configura como intelectual que reflete sobre a sua situação no presente, dotado da responsabilidade para com o outro e disposto a declarar ser a escrita o seu mais cobiçado projeto existencial.





A autobiografia corresponde, em termos cronológicos, ao período que vai do nascimento até os 12 anos do jovem Sartre, momento que coincide com o segundo casamento da mãe. Devido à perda precoce do pai, a criança é envolvida num ambiente familiar propício à concessão do excesso de cuidado na sua formação. Cercado pela proteção dos avós maternos e de sua mãe, vive no meio de livros e se entrega ao ritual de iniciação, à leitura e à entronização no meio letrado da sociedade francesa do princípio do século XX. Violentado pela separação daquela que seria menos a mãe do que a futura noiva ou irmã, a companheira de infância, o escritor irá se recusar a escrever suas “memórias” por não crer na singularidade da existência, mas na sua múltipla configuração: “Ora, malgrado as aparências, sou um falso personagem secundário”. (p. 171)

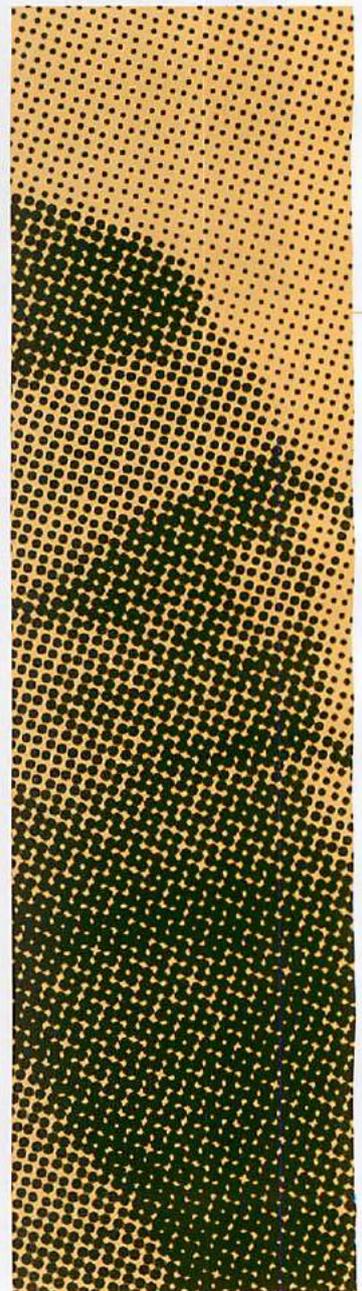
É na biblioteca familiar que o pequeno leitor irá conviver com os amigos ficcionais, personagens nascidas dos livros e que irão povoar seu imaginário universo infantil. Arredio ao convívio com a natureza, estrábico, franzino e feio, Sartre constrói um mundo alternativo, acreditando ter sido gerado pela escrita e, contrariamente à tradição familiar, sendo capaz de gerar a própria vida: “Filho de ninguém, fui minha própria causa, cúmulo de orgulho e cúmulo de miséria” (p. 82). As palavras, contudo, não se reduzem ao simples relato de infância. Trata-se de um texto que se definiria como uma auto-análise, um romance de aprendizagem, uma prestação de contas com a família e um apaixonado tributo à mãe, por meio da crítica feroz à pequena burguesia intelectual da qual é oriundo. O relato inverte, ainda, o esquema da autobiografia tradicional, ao lançar pistas, optar por uma estratégia que rompe com o acúmulo de informações e instaura o vazio e o silêncio na escrita.

Trai ainda o mito da infância como paraíso perdido, a valorização da família como célula da sociedade, ao negar a morte do pai e, conseqüentemente, todo direito à herança paterna e à continuidade familiar. Os laços de parentesco se embaralham, os papéis sociais se invertem, o que provoca no escritor a necessidade de imaginar diferente fórmula autobiográfica, rompendo com a fatalidade da genealogia. Uma vez negada a linhagem paterna, impõe-se a materna, na figura do avô, que o atirou na literatura e que mais tarde o escritor consagrado irá revelar ter sido sua atividade literária o cumprimento do desejo manifesto do avô Charles Schweitzer: “Em suma, ele me atirou na literatura pelo cuidado que despendeu em me desviar dela: a tal ponto que me acontece ainda hoje perguntar-me, quando estou de mau humor, se não consumi tanto dias e tantas noites, se não cobri tantas folhas com minha tinta e lancei no mercado tantos livros que não eram almejados por ninguém, na única e louca esperança de agradar a meu avô”. (p. 118)

A escrita literária, nas mãos de Sartre, tem a liberdade de engendrar autobiografias falsas, instaurar genealogias bastardas e permitir o livro trânsito entre presente, passado e futuro. O escritor adulto, ao escrever sua vida, engendra a si próprio, por negar o estatuto convencional das funções familiares. O pai, pela morte precoce, não teve, aos olhos do filho, tempo de ser seu pai, tornando-se, no momento da escrita autobiográfica, filho do filho-escritor; a mãe, por seu lado, viúva e novamente sob as ordens paternas, irá se mostrar frágil e dependente, o que exigirá a proteção do filho, invertendo-se o papel a ela destinado: “Houvesse vivido, meu pai ter-se-ia deitado sobre mim com todo o seu comprimento e ter-me-ia esmagado. Por sorte, morreu moço; em meio dos Enéias que carregam às costas seus Anquises, passo de uma margem à outra, só e detestando todos esses genitores invisíveis montados em seus filhos por toda a vida; deixei atrás de mim um jovem morto que não teve tempo de ser meu pai e que poderia ser, hoje, meu filho. Foi um mal, um bem? Não sei; mas subscrevo de bom grado o veredicto de um eminente psicanalista: não tenho superego”. (p. 16-17)

A invenção da família é a façanha do escritor na sua vida/obra autobiográfica. Arredio ao matrimônio burguês, à legalização da união entre homem e mulher, Sartre foi o amante oficial de Simone de Beauvoir, sua companheira durante toda a existência. Mas a infidelidade amorosa faz também parte desse pacto celibatário, pois ambos se relacionam livremente com os demais parceiros, sem o sentimento de serem propriedade privada um do outro. A solidariedade humana se estende também para o convívio amoroso, investida pelo gesto do escritor de sublimar a falta da mãe. Nesse sentido, considera o relacionamento segundo critérios de fraternidade, por se tratar de uma união incestuosa que reúne literatura e existência: “Graças ao quê, talvez, os anos quatorze foram os mais felizes da minha infância. Minha mãe e eu contávamos a mesma idade e não nos largávamos. Ela me chamava seu *chevalier servant*, seu homenzinho”.(p. 157)

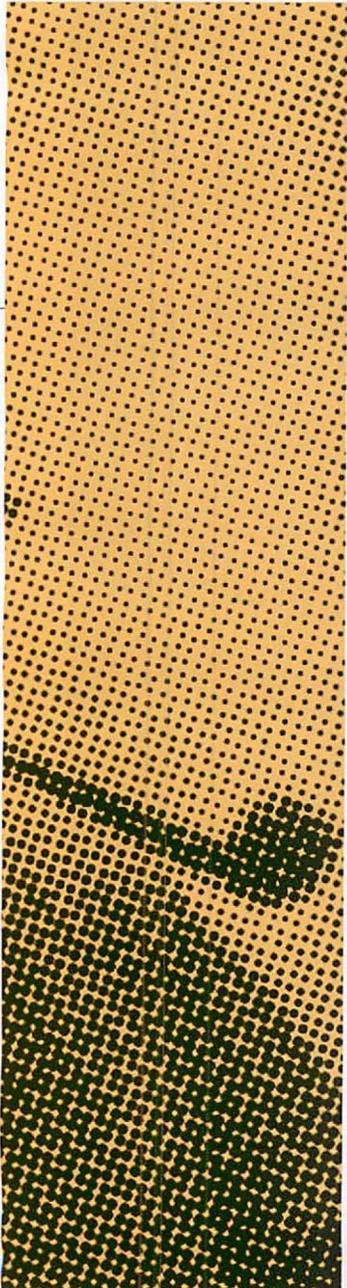
Nos últimos anos de vida, em situação precária de saúde, cego e dependente, o celibatário que nunca se casou e que não quis ter filhos, assume Arlette Elkaim como filha adotiva, moça judia que, no seu entender, “tentava servir de olhos para ele”, ajudando-lhe na correção de textos e na leitura. Configura-se o reencontro com o espectro da mãe, de cujo convívio amoroso foi prematuramente afastado. Inventar o passado, resgatá-lo pela simulação da imagem materna e destituí-lo de realidade instauram o espaço imaginário em que se cruzam ficção e realidade, escrita e vida. A opção por esse espaço transgressor irá fundamentar a trajetória autobiográfica do escritor.



Um pensador multicultural

Abraçar a filosofia existencialista significava não só desfazer os limites familiares, mas ainda ampliá-los para o espaço público, para o debate na rua, um convite à exteriorização e à transparência de saberes aprisionados nos gabinetes. Definido tanto como filosofia produzida pelo cruzamento da teoria de Kierkegaard e da fenomenologia alemã quanto um “estilo de vida”, uma maneira de existir que aspirava às liberações motivadas pelo ambiente de pós-guerra, o existencialismo inaugura a prática biográfica como contraparte da teórica. Recusa separar a filosofia da política, a literatura da ciência, o doméstico do público, o sujeito do objeto, posição teórica, sem dúvida, de forte ressonância na contemporaneidade. Inserido ainda nesse processo de deslocamento do espaço endogênico da cultura francesa, Sartre se volta para o exterior, seja por meio das leituras e da predileção pelo romance americano, pelo cinema e pelo jazz, seja se entregando às causas políticas defendidas pelo Terceiro Mundo.

Na condição de um pensador moderno, desde cedo se torna sensível a outras culturas e às diferentes manifestações artísticas, como o jazz e o cinema americano, o que lhe propicia o rompimento com critérios hierárquicos de arte. A sedução pelos clubes de jazz e as salas de cinema se justifica pela oportunidade de experimentar o convívio com a multidão e de participar do imaginário coletivo. A saída para a ação na praça pública representa a necessidade de mobilizar conhecimentos e acreditar no deslocamento permanente como meio de revitalizar posições e buscar o novo como sinônimo de transgressão e liberdade. **A reunião da filosofia e da música, do mundano com a reflexão legítima a corrente existencialista como estilo de vida que, ao acompanhar a modernização dos costumes, assume o risco contínuo da improvisação, inaugurada pela ousadia e popularidade do jazz americano de pós-guerra. Usufruir de expressões artísticas consideradas inferiores pelos puristas, penetrar nas salas de projeção de filmes, muitas vezes desconfortáveis, mas dotadas de um clima igualitário, complementam a formação do escritor, no engajamento futuro pela causa popular, em defesa das massas e dos marginalizados:** “(...) quando muitos homens estão juntos, cumpre separá-los por meio de ritos ou então eles se chacinam. O cinema provava o contrário: mais do que uma festa, o seu público tão mesclado parecia reunido por uma catástrofe; (...) Tomei aversão pelas cerimônias, adorei as multidões; vi multidões de toda espécie, porém nunca mais encontrei aquela nudez, aquela presença sem recuo de cada um em todos, aquele sonho desperto (...)”. (p. 88-89)





Desde criança, o deslocamento constituiu uma forma de resistência do escritor, personagem condenada ao nomadismo, tanto do ponto de vista literal quanto metafórico, causado pelas mudanças constantes de residência, seja em virtude da morte do pai, da futura convivência com os avós, seja devido ao segundo casamento da mãe. Ao se sentir estrangeiro e hóspede na própria casa alimenta as posteriores reações contra os valores de propriedade e de identidade vinculados aos bens materiais e à posse simbólica do sujeito. Hóspede e hostil ao ambiente doméstico e familiar, Sartre também assim se comporta em relação ao país de origem, reagindo contra a política colonialista francesa, ao se posicionar como filho que transgredir os valores defendidos pelo pai, pela família política e a nação. Justifica-se, portanto, a entrega à causa alheia, traduzida pela preocupação com os irmãos postíços do Terceiro Mundo, vistos na condição de filhos bastardos não reconhecidos pelas leis universais de cidadania e dos direitos humanos. **Como "viajante sem passagem", o intelectual não abdicou do direito de estar permanentemente em conflito consigo mesmo e de se entregar à errância, à aventura e à busca do desconhecido: "Em meus raros minutos de dissipação, minha mãe me segredava: 'Tome cuidado! Não estamos em nossa casa!' Nunca estivemos em nossa casa: nem na rua Le Goff nem mais tarde, quando minha mãe tornou a casar-se. Eu não sofria com isso, pois me emprestavam tudo: mas eu continuava abstrato. Para o proprietário, os bens deste mundo refletem o que ele é; a mim, ensinavam-me o que eu não era: eu não era consistente nem permanente; eu não era o continuador futuro da obra paterna; eu não era necessário à produção do aço: em suma, eu não tinha alma."** (p. 65)

Annie Cohen-Solal, a mais conceituada biógrafa do filósofo, no recente ensaio de sua autoria intitulado *Sartre*, (Porto Alegre: L&PM, 2005) pondera sobre o papel de intelectual exercido por ele, interpretando-o a partir de sua atual repercussão na França e no mundo. Recupera a imagem do existencialista que mantém o olhar dirigido para fora da Europa, quando observa estar sendo o escritor mais reconhecido e valorizado nos países do Terceiro Mundo do que no lugar de origem. A biógrafa registra o desempenho político de Sartre como referência obrigatória no estrangeiro, não só pelas suas inúmeras viagens realizadas na década de 1960 à América Latina, em especial ao Brasil e a Cuba, além de outros continentes, mas pela atenção dedicada aos conflitos religiosos e políticos dos últimos 50 anos. **Cohen-Solal irá sustentar, com base nesses argumentos, a tese do olhar multicultural - *avant la lettre* - de Sartre e de sua importância para a formação do pensamento de esquerda no mundo. Não é de se estranhar que na apresentação da lista de escritores destinados à preservação da herança sartriana, se acham incluídos os que sempre se manifestaram adeptos às causas políticas pós-colonialistas. No seu entender, esses intelectuais estariam suplementando a lição legada por Sartre, destacando-se, entre eles, Susan Sontag, Edward Said, Salman Rushdie, Ernesto Sábato, George Steiner, Alberto Moravia.** Na certeza de ser tarefa impossível classificar o filósofo segundo critérios rígidos e institucionais, a autora reforça a posição marginal assumida por ele na tradicional sociedade francesa e reitera a importância de sua função como intelectual crítico e engajado, figura cada vez mais rara nos tempos atuais.

As palavras finais deste ensaio reproduzem o pensamento sartriano exposto na sua autobiografia, com o objetivo de reforçar a proposta inicial aqui desenvolvida. Registra e endossa uma das mais contundentes lições de intransigência e repúdio às falsas aparências e ao papel tradicionalmente exercido pela escrita autobiográfica como espaço de conciliação e consagração jubilosa do escritor: "Tornei-me traidor e continuei a sê-lo. Em vão me ponho de corpo inteiro no que empreendo, entrego-me sem reserva ao trabalho, à cólera, à amizade; num instante me reneguei, eu o sei, o quero e me traio já em plena paixão, pelo pressentimento jubiloso de minha traição futura". (p. 171)

